

A Criança e o Natal

JOÃO GOMES-PEDRO

O nome da Criança é Natal.

Creio que a mensagem do Menino Jesus que os cristãos festejam em cada Natal, poderá, em extensão, ser interpretada pelas mais diversas culturas que não crêem no Cristo nascido, como a mensagem da criança adorada ou a adorar em função duma Paz e duma Esperança.

Será neste contexto que o nome da criança é Natal, é Esperança e é, também, Paz.

O nascimento de cada bebé é a reconquista da esperança em cada mãe, em cada pai, em cada família que se revê e se renova na esperança de uma identidade cumprida, proclamada.

O Natal assumido no nascimento de cada bebé poderá e deverá ser a inspiração e modelo para as nossas políticas de Saúde e de Educação. Com efeito, se se crer no impacto de cada bebé na convergência de expectativas, sonhos e descobertas de cada casal quando, sobretudo pela primeira vez, se confronta com a mística de dois passarem a ser três, se, de facto, se assumir que, renovadamente, através de toda a História, esta é a maior força que transforma projectos em destinos, então é preciso centrar as políticas de progresso na Criança, feita Menino Jesus, feita Natal.

Toda a evidência da nossa actual cultura científica sustenta a necessidade de privilegiarmos os primeiros tempos de vida.

O destino de cerca de cem biliões de neurónios de que cada bebé dispõe, ao nascer, depende muito de uma programação contida no nosso património genético mas depende, também, em muito, das circunstâncias que envolvem cada nascer.

Os primeiros vínculos e, de um modo muito especial, o vínculo de cada bebé à sua mãe, é a matriz de todas as relações futuras. Será, se assim se quiser, o mais autêntico e antecipatório determinante da Paz.

Decisivo será, assim, proteger o modo, o tempo e o espaço em que o primeiro vínculo se sonha, se constrói e se reproduz.

Não existe Natal por instinto; é preciso construir, organizar, festejar, revisitadamente, cada Natal.

O que se proporciona ou não proporciona em cada nascimento, em cada Natal, determina o mistério do destino daqueles biliões de neurónios e, sobretudo, das suas ligações ou seja, das suas sinapses.

O mistério estará contido nas descobertas que os mais significativos fazem em cada um dos seus bebés.

Cada bebé protagoniza, de facto, essa descoberta, a partir do momento em que os seus olhos, os seus ouvidos e o seu coração se abrem ao mundo.

Compreendemos, hoje, cada vez melhor, através dos avanços da Neurobiologia como é que, de descoberta em descoberta, a criança aprende a ter consciência do seu eu, de cada outro e, através dessa consciência, o modo como vai vivenciando o que é dor, prazer, pena e, também, paixão.

O modo como se proporcionam estas descobertas que, afinal, são a aprendizagem dos factos, dos valores e dos afectos, será decisivo para cada criança e, através dela, será também decisivo para cada sociedade, para cada Nação.

A cultura da criança, que todos temos de construir, terá que conter, nela embebida, a noção do Direito mais fundamental que todos os Estados têm de respeitar – o direito de cada criança a ser amada e respeitada – a partir do momento em que, como bebé, se torna Natal.

Cada bebé, Menino Jesus ou simplesmente bebé, em função da sua cultura, é o redentor da Esperança dos homens e é nessa esperança que cada um de nós terá de descobrir o respeito e a dignidade de sermos humanos.

Creio ser este o caminho da Paz se, porventura, for de paz o abraço de cada um a cada bebé adorado.